



**A EMERGÊNCIA DO ESPORTE CAPIXABA: OS ESPAÇOS ESPORTIVOS NO PROCESSO DE
MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DE VITÓRIA¹**

João Alexandre Demoner

Ueberson Ribeiro Almeida

Felipe Quintão Almeida

Resumo

Muito há que se fazer no sentido de se conhecer a proliferação e massificação do esporte nas cidades do Espírito Santo nas décadas iniciais do século XX. O projeto “A emergência do esporte capixaba: estudo sobre o início da proliferação de práticas esportivas no processo de modernização da cidade de Vitória” busca, desde 2009, suprir parcialmente esta lacuna, ao oferecer uma investigação sobre os primórdios do esporte em Vitória. No caso deste subprojeto, “A emergência do esporte capixaba: os espaços esportivos no processo de modernização da cidade de Vitória”, que é parte integrante do projeto citado anteriormente, o objetivo foi investigar os modos pelos quais o surto esportivo nos anos iniciais do século XX promoveu uma reorganização do espaço urbano, ou mesmo a intervenção em sua forma, por meio da introdução de novos objetos na paisagem.

Palavras-chave: Geografia dos Esportes. Modernidade. Cidade. Vitória

Introdução

Há pelo menos duas décadas que, dentro e fora do campo da educação física, inúmeros pesquisadores têm se esmerado no sentido de dar visibilidade às práticas esportivas que “invadiram” o Brasil a partir do século XIX. Como evidenciaram os estudos de Lucena (2001) e Melo (2001), a prática responsável pelo “pontapé inicial” na organização esportiva do País foi o turfe. Na ocasião, ele se apresentava como o esporte típico do patriarcalismo rural, indicando um campo de ação dos segmentos superiores cujo interesse central estava ligado à necessidade de ser reconhecido como elemento da elite, digno de freqüentar os mais eminentes prados, bem como constituía uma excelente oportunidade para fazer novos negócios e estreitar antigos laços comerciais. Conforme demonstraram Lucena (2001) e Melo (2001), coube ao turfe carioca, e aos *sportmans* que ao redor dele se reuniam, dar os primeiros passos no sentido da organização da prática esportiva brasileira, fortemente marcada pelo estigma da distinção social. Com o passar dos anos, e ao mesmo tempo em que o Brasil assumia para si a tarefa de sua modernização política, econômica e cultural, colocou-se em questionamento o *ethos* do turfe e da elite agrícola que o ostentava. Como a cidade era o palco para o desempenho dos novos potenciais técnicos desencadeados pela cultura e prática adjetivadas de modernas, nada mais natural que a modernização daquela incluísse também a reforma dos corpos e das mentes. Todo o sentido da ação esportiva convergia agora para um efeito de maximização de um *padrão de produtividade* (SEVCENKO, 1992) que é típico da própria modernidade e sua racionalidade (instrumental).

¹ Este estudo é resultado de projeto de pesquisa financiado pelo edital MCT/CNPq 14/2009.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

O esporte-símbolo que melhor se adaptara às transformações nos corpos e mentes da cidade em transição para o século XX era o remo. Nesse contexto, ele seria, contrariamente ao turfe, o esporte *par excellence* do exercício físico, a escola mais completa da educação do corpo, atendendo perfeitamente as imagens de progresso e de modernidade que se procurava consolidar no País. Não se tratava mais de colocar os cavalos para correr, mas sim, na *ética do ativismo* que caracterizara o período de então (SEVCENKO, 1999), demonstrar no próprio corpo, forte e rijo, os sinais do novo tempo, incorporando o próprio estilo de vida individual à nova cultura esportiva dos frementes anos que assim se iniciava.

Não obstante a poderosa força que o remo desfrutava nesse período, o futebol conquistava cada vez mais adeptos entre os habitantes da cidade, despertando a atenção e o gosto não apenas dos filhos das elites e/ou dos descendentes de ingleses que aqui o introduziram, mas também da esmagadora maioria da população, composta principalmente dos negros e mestiços com baixo poder aquisitivo que ocupavam os cortiços espalhados pela cidade.

Embora circunscrita ao eixo Rio de Janeiro-São Paulo, esta síntese representa o que tem se considerado como a história dos esportes no Brasil. Isso não sem razão pois, de fato, aquelas duas localidades foram as principais cidades do País desde antes mesmo a virada para o século XX, influenciando gostos, atitudes, valores e ditando os rumos para aqueles pequenos centros que iriam percorrer, com algum atraso, os caminhos outrora já trilhados por elas. Esse, decerto, é o caso de Vitória, como demonstram os estudos de Derenzi (1965) e Vasconcellos et al. (1993).

Em relação a essa capital, muito pouco sabemos sobre o desenvolvimento das práticas esportivas no início do século XX, quer dizer, não conhecemos bem o fato de ela ter vivido, nos anos iniciais de sua modernização, toda uma agitação da população em torno dos esportes, que se afirmaria como um componente cultural importante do capixaba. Toda essa manifestação esportiva na e da cidade era registrada pelos principais meios de comunicação da época, com destaque para o jornal *O Diário da Manhã*, cuja publicação inicia em 1907. Muitas notas, reportagens ou imagens (fotografias, propagandas, etc.) sobre os esportes eram também publicadas nas páginas das principais revistas da cidade: a *Vida Capixaba* (1923-1959) e a revista *Chanaan*, que começa a ser publicada em 1936 (não conseguimos identificar, nos arquivos, a data em que deixou de circular. Achamos, contudo, edições até o ano de 1939).

Desde 2009 temos empreendido esforços no sentido de melhor compreender o advento e a proliferação de práticas esportivas em Vitória. Esta, aliás, é uma iniciativa que vai ao encontro aos esforços de outros pesquisadores que têm, como base na metodologia da História Comparada (MELO, 2007), realizados estudos sobre os primórdios das práticas esportivas em outros centros que não Rio de Janeiro e São Paulo, tais como Salvador, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, etc. Estamos procurando compreender como e por que a prática esportiva, praticamente no século XIX, despertou a atenção da população e dos governantes capixabas.

Objetivo

Investigar a capacidade de a prática esportiva produzir novas formas espaciais, alterando a paisagem e o uso do território, desde um ponto de vista político, econômico, social e cultural.

Metodologia



No que se refere à periodização, esse estudo se concentrou principalmente entre os anos de 1900 a 1940. A opção aqui é feita considerando-se as especificidades do próprio objeto de trabalho, já que foi nesse período que não só teve início a estruturação e consolidação da organização esportiva em Vitória, mas é também o período da história capixaba em que o esporte, notadamente o remo e o futebol, são reconhecidos como elementos importantes da vida cultural capixaba.

Procuramos, no Arquivo Público Estadual, documentos oficiais que pudessem nos apresentar possíveis fontes para o nosso sub-projeto. Lá, identificamos e verificamos fontes como: Catálogos de mapas (primeiras décadas do século XX); Mensagens de prestação de contas, que eram realizadas ao final de cada ano, dos governadores Jerônimo Monteiro (1908 e 1912) e Florentino Ávido (1924-1928); o jornal Diário da Manhã (de 1926 a 1930 e 1936); as revistas Vida Capichaba (1925 a 1930, 1933 a 1937 e 1940) e Chanaan (1936 a 1938).

Fazer pesquisa sobre história do esporte em Vitória não é fácil, uma vez que os materiais estão, na sua maioria, deteriorados ou não existem mais. O Arquivo Público Estadual está passando por reformas e operando somente por agendamentos, comprometendo a utilização para consultas dos materiais e das máquinas para visualização dos microfimes. No Arquivo Público Municipal, as maiores dificuldades foram os manuseios dos jornais, revistas e relatórios dos prefeitos que não estavam microfilmados, deixando assim o trabalho lento e penoso, uma vez que os manuseios dos materiais foram feitos com o máximo de cuidado para não danificá-los ainda mais.

Todo o material catalogado e analisado serviu para nós como fonte, a partir do qual procedemos a uma análise do seu conteúdo.

Resultados e Discussões

Como demonstra Pires (2006), na década final do século XIX, Vitória ainda caracterizara-se pelas ruas tortuosas e estreitas, carecendo de serviços urbanos essenciais. Do ponto de vista arquitetônico, continuava sendo uma típica cidade colonial portuguesa. As casas e pequenos sobrados mostravam suas fachadas em desalinho. Os chafarizes e mananciais, cujas águas para abastecimento das casas comerciais e moradias precisavam ser transportadas pela própria população, eram escassos e limitados. A iluminação pública era bastante deficiente, deixando a cidade quase às escuras. Eram evidentes as carências também em termos de instalações sanitárias. A cidade de Vitória buscava incorporar hábitos “modernos”, tendo como referências o que estava acontecendo no Rio de Janeiro e São Paulo. O processo de modernização em curso pressupõe uma reforma não só das mentes cidadinas, mas dos corpos dos seus habitantes, de modo que as práticas esportivas, sobretudo no tempo de lazer, poderiam se configurar como ferramentas eficazes para esse objetivo. Para tanto, seria necessário criar as condições de possibilidade, física e/ou estruturais, para que ambas as reformas pudessem se efetivar. A construção de espaços públicos e/ou privados para esse propósito iria, decerto, promover uma alteração na paisagem urbana. Essa é, por exemplo, a posição de Mascarenhas (1999a), para quem o esporte pode ou redefinir os usos do espaço urbano ou mesmo intervir em sua forma por meio da introdução de novos objetos na paisagem. Um bom exemplo disso são os estádios,



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

objetos dotados de significativa centralidade no imaginário popular e capazes de cumprirem papel relevante na reprodução social da cidade. As construções esportivas, quaisquer que sejam elas, podem ser tomadas como "paisagem-marca" (BERQUE, 1998), resultantes que são do advento de valores e práticas sócio-culturais que se materializam num dado momento de um lugar. E, neste sentido, configuram um patrimônio histórico-cultural. Mas, também, são "paisagem-matriz", pois participam ativamente da vida cotidiana, no plano simbólico e no plano da ação.

Nossa pretensão foi identificar como a prática esportiva foi ou contribuiu para a transformação dos espaços citadinos. Tomamos como ponto de partida dessa investigação a primeira grande tentativa de alterar a paisagem da cidade com vistas à sua modernização: o Novo Arrabalde. O Governador do Espírito Santo, Muniz Freire confiou o saneamento de Vitória e a construção do novo arrabalde para a cidade ao engenheiro e sanitarista Saturnino de Brito, que projetou uma construção cinco vezes maior em área que a Capital de então.

Foi reservado às práticas esportivas, à época de elaboração do referido projeto, alguma importância na configuração do espaço urbano de Vitória? Embora o governo estivesse preocupado com o crescimento da população e de modernizar a cidade, analisando o projeto oficial de Saturnino de Brito (1996) não encontramos a criação de áreas destinadas às práticas esportivas ou de lazer, a não ser uma menção sobre um local para contemplar o mar, com um pequeno bosque de eucalipto, localizado próximo a Praia Comprida, onde hoje está situada a Praça do Cauê, no final da Avenida Nossa Senhora da Penha. Isso significa que, antes da virada para o século XX, a modernização em curso na capital do Espírito Santo não pressupunha espaços públicos para a reforma dos corpos citadinos, que fossem mais condizentes com a nova mentalidade pretendida.

Pires (2006) nos diz que Vitória, no governo de Jerônimo Monteiro (1908 a 1912), foi transformada em um canteiro de obras. Prédios antigos foram derrubados para a abertura de avenidas, construção de praças, jardins, implantação de rede de água, de energia elétrica e a introdução do bonde como meio de transporte. Jerônimo Monteiro busca, no Rio de Janeiro, a inspiração para a nova "modelagem", a nova "forma" do poder. Desta forma, o governo buscava maneiras de romper os elos com a antiga sociedade agrária adequando esses espaços aos propósitos modernizadores emergentes.

Outro setor para onde foi canalizada a pretensão modernizadora de Monteiro foi o planejamento urbano da Capital. Esta transformação teve como alvo introdutório os transportes terrestres. As cadeirinhas de arruar, palanquins e serpentinas do começo do XIX foram, gradualmente, sendo substituídas pelas seges (carruagem alta de duas rodas) particulares, pelos bondes de burro e posteriormente, maxambombas (bondes à vapor), dando outro aspecto ao cotidiano da cidade. Valorizou inicialmente o comércio que passou a ter uma freguesia acrescida e freqüente durante todo o dia graças ao transporte fácil, tornando fundamental, também, a modificação do aspecto das lojas e ruas para torná-las convidativas ao novo público. Durante a década de 1920, a cidade expandiu-se também em direção ao Novo Arrabalde, que passou a ser servido por linha de bonde e serviço de abastecimento de água.



Outro exemplo que evidencia a falta de organização espacial da cidade para a prática dos esportes pode ser dado se tomamos por referência o que pode ser visto como o primórdio da prática esportiva entre os capixabas. Estamos nos referindo às regatas de Santa Catarina, que aconteciam no dia de Santa Catarina, 25 de Novembro, com cunho religioso, que se constituíam de um único páreo, em longas canoas tripuladas por pescadores. O ponto de partida era a Pedra dos Ovos (próxima ao morro do Penedo) e a chegada no Extinto Cais do Santíssimo (atual Vila Rubim). Numa cidade com raros cinemas e pouquíssimas opções de lazer, o povo se acotovelava na Beira Mar para assistir às disputas. Havia banda de música, pontões, bandeiras, torcidas de lado a lado, e um equilíbrio de alto nível nas competições (LIMA JÚNIOR; SOARES; BONICENHA, 1994).

O que antes era uma festa religiosa torna-se profana e/ou esportiva com a criação dos clubes, que passaram a compor a paisagem: o Clube de Natação e Regatas Álvares Cabral e o Clube de Regatas Saldanha da Gama, ambos voltados, principalmente, ao remo. Outros esportes, porém, eram praticados nestes clubes, como a Natação, *Waterpolo*, o Basquetebol. A criação destes clubes pode ser lida como a primeira grande alteração provocada pelo esporte na paisagem urbana da capital.

A fundação do Clube de Regatas Álvares Cabral se deu em 06 de Julho de 1902, pela iniciativa de três comerciantes portugueses e descendentes, que habitavam a região central da cidade. Alugaram uma garagem na já extinta Rua D'Alfândega, no centro da cidade, e construíram uma baleeira – assim eram chamados os barcos de competição da época – que recebeu o nome de “Pátria”, homenagem à pátria lusitana e também à brasileira. O Presidente Cabralista comprou para o clube seu primeiro prédio, próximo à Praça Costa Pereira, centro da cidade, local onde a vida social e comercial aconteciam. O clube já possuía assim sua sede própria. Era uma edificação de dois andares, com o salão de festa no segundo piso e uma empresa comerciante de tecidos paulista no térreo. A sede náutica ficava no bairro da Vila Rubim, onde possuía uma garagem para os barcos, um campo de futebol e duas quadras poliesportivas, além de um *deck* para embarque e desembarque dos atletas do remo e uma área demarcada no mar para as partidas de *Waterpolo* e competições de natação.

No dia 29 de julho de 1902 foi fundado o Clube de Regatas Saldanha da Gama, o “Clube do Forte”, que receberia o nome de um ilustre brasileiro, Luiz Felipe, o almirante Saldanha da Gama, que morreu em 1895 lutando contra a República a favor da Monarquia. A primeira sede do Saldanha foi a antiga travessa da Alfândega (próxima a atual praça Oito de Setembro), no prédio que faz esquina com a Rua Duque de Caxias. Passou depois para a Rua do Comércio, nº 32, onde teve no pavimento térreo a garagem e no sobrado a sede social. Mais tarde, passou para a Rua Pereira Pinto e depois para a Cristóvão Colombo. O Relatório do Prefeito de Vitória, de 1918, na Seção Obras e Viação, fala sobre a construção de uma rampa para embarque e desembarque dos barcos do Clube Saldanha da Gama, na Avenida Capichaba (atual Jerônimo Monteiro). Possuía estaleiro próprio, para fabricação de seus barcos, atendendo encomendas de outros clubes, inclusive de fora do estado (KUNSCH; SALUSTIANO, 2007).

O Saldanha da Gama tinha o sonho de uma sede própria. Então pensaram na compra de um antigo forte localizado na entrada da baía de Vitória: o Forte São João. Na época, o Forte encontra-se arrendado pela cervejaria Brahma para a boate Trianon. Porém, o clube solicitou a prefeitura o alinhamento dos terrenos ao redor do clube, pois a Brahma havia autorizado as obras antes mesmo do parecer definitivo da Assembléia. A compra somente



foi aprovada em 27 de março de 1930. O Saldanha da Gama incluiu na negociação o repasse da sua antiga sede, no centro, e o restante com um empréstimo obtido junto ao Governo do Estado. No dia 16 de Novembro de 1930 a nova sede social do Saldanha, no Forte São João, foi oficialmente inaugurada, com festejos que mobilizaram a sociedade capixaba, incluído autoridades. A inauguração seria no dia 12 de outubro, mas o Golpe de Estado de 1930 levou ao adiamento da data. Consta que uma missa campal foi realizada no campo de “Bola ao Cesto”. O clube se tornaria uma referência para a sociedade capixaba. Ao longo dos anos várias transformações foram implementadas nas novas instalações do clube (KUNSCH; SALUSTIANO, 2007).

No final da década de 1920 e início da década de 1930, as regatas passaram a ter maior expressão, tanto que autoridades eram convidadas, a população prestigiava e até um rebocador ficava a disposição nos dias das competições. Kunsch e Salustiano (2007) mencionam que o governo auxiliava os clubes com verbas para a realização das regatas náuticas².

Em 1931, teve início o aterro para a construção de uma praia, pois até aquela data só existia na frente do clube uma pequena faixa de terra e um ancoradouro para os barcos. Posteriormente teve o aterro do braço do mar que ficava a frente e foi construída uma piscina artificial para atender os associados nos dias quentes sendo ainda utilizada para competições de *waterpolo* e natação. O clube havia se tornado de utilidade pública por meio do decreto 4153 - 29 de Setembro de 1933 – do interventor federal Capitão Punaro Bley. Em outubro de 1935, o clube concluiu as negociações de compra das casas dos ocupantes dos terrenos na parte da frente, uma vez que havia sido construído um estaleiro para a construção de barcos, inaugurado em 1932 (KUNSCH; SALUSTIANO, 2007).

Além dos clubes de remo passaram a compor o espaço da cidade, os clubes de futebol começam a despontar pouco depois.

Gomes Filho (2002) diz que, no final da primeira década do século XX, o futebol era praticado nas “peladas” e “rachas” em campos de áreas descobertas na Rua Sete e no Alto do São Francisco, no centro, pelos meninos do Sul America e do XV de Novembro (equipes ligadas a instituições de ensino tradicionais da época, Colégio Estadual e Escola Normal).

Dois capixabas, Jair Tovar e Nelson Monteiro, estudavam no Rio de Janeiro no início da década de 1910 e, ao retornarem a Vitória para suas férias, encantavam os amigos com relatos das partidas de futebol disputadas na capital federal. Decidiram fundar um clube de futebol no Espírito Santo, com a mesma organização e formalismo, empregados por seus pares cariocas. Nascia em 1912 o “Foot-ball Club Victoria”. Segundo Gomes Filho (2002), o Victoria já tinha, no bairro Santa Lúcia, o seu campo cercado com folhas de zinco e local para torcedores (degraus de madeira cobertos, batizados de 'arquibancadas').

Gomes Filho (2002) ainda diz que, em 1913 foi fundado o “Juventude e Vigor”, clube de futebol que cresceu no bairro de Jucutuquara. A sua fundação ocorreu no Centro de Vitória, especificamente na Rua Sete de Setembro. O primeiro nome do time foi uma homenagem aos próprios jovens que o criaram. Um pouco depois de sua fundação, alguns convidados pelos jovens, então com 14 e 16 anos, não se sentiram bem com a denominação, pois não eram mais adolescentes. Em uma reunião realizada em 10 de

² Outros Clubes de Regatas existiam, como o Náutico Brasil (1920), o Viminias e o Piratininga.



Fevereiro de 1914, resolveram prestar uma homenagem ao Chanceler José Maria da Silva Paranhos Júnior, conhecido como o Barão de Rio Branco. Surgiu o “Rio Branco *Football* Clube”. O clube teve toda a sua vida ligada à Jucutuquara. Lá havia uma grande área usada para represamento das águas da maré para a produção de sal. Era a “Salina”. Abandonada por longo tempo, transformou-se em um terreno reto, sem gramas, mas excelente para as 'peladas'. Este local já estava sendo utilizado pelos meninos do bairro para jogar futebol (este fato reafirma que o futebol estava sendo praticado em Vitória, mas somente como uma forma de lazer, não formal).

O jornal "Diário da Manhã", em sua edição de 28 de Setembro de 1915, anunciava que o então presidente, Otávio Araújo, apresentara a planta do esplêndido campo de *sports* que seria, depois de pronto, um dos melhores do Brasil. Em 1916 houve uma disputa entre o *Football Club Victoria* e o Rio Branco pela posse da área da “Salina”. O Victória era um time composto pelas elites locais, como por exemplo, o Sr. Jair Tovar, Procurador Fiscal da Fazenda e diretor do Victória e fez valer seu prestígio, recorrendo ao Barão de Monjardim (dono do terreno). O Barão não só impediu a utilização da área pelo Rio Branco, como ainda cedeu o terreno para o Victória. Já o Rio Branco, até então, não tinha uma influência considerável na política estadual. Com a derrota política para o Victória, o Rio Branco, no início do ano, passou a treinar no município de Vila Velha, vizinho à capital. De acordo com Gomes Filho (2002), foi em meados de 1916 que Rio Branco retornou ao campo de Jucutuquara.

Ao retornarem as Salinas, realizaram um aterro, com a intenção de ampliar o terreno, o trabalho foi facilitado em face da localização do terreno, ao pé do morro (um aterro 'natural', com deslocamento de terra do morro). Foi erguido, então, o campo de jogo, separado dos torcedores por uma cerca de arame liso. O primeiro campo a realmente ser chamado de estádio pelo torcedor do clube foi o estádio de “Zinco”, construído em Jucutuquara. Foi Inaugurado no dia 19 de Abril de 1919, contra o Fluminense de Niterói, jogo que acabou empatado em 2 x 2. O estádio de Zinco, chamado “O Majestoso *Ground* de Jucutuquara”, na época foi um projeto ambicioso, vasto e arrojado que passou a servir de referência aos jovens que sonhavam em jogar futebol.

Mascarenhas (1999b) diz que, na condição de elemento central na cultura brasileira, o futebol tem sido capaz de gerar objetos marcantes na paisagem urbana, como estádios, dotados de notável centralidade funcional e simbólica. Ao encontro dessa afirmação, notamos que o estádio de “Zinco” proporcionou uma nova dinâmica a cidade, como mostra o Relatório do Prefeito, Otávio Índio do Brasil (1924 a 1928), na Seção Obras. A expansão da cidade para o leste por meio da conservação e abertura de estradas e ruas em Jucutuquara, na estrada do Forte São João e em Fradinhos. A linha de bonde, que saía da Vila Rubim até Praia Comprida, passava por Jucutuquara, facilitando o deslocamento da população em dias de jogos (CAMPOS JUNIOR, 1996).

Com a revolução de 1930, Getúlio Vargas nomeia João Punaro Bley como interventor no Estado; a partir de então, a elite política mudou e alguns membros do Rio Branco passaram a integrá-la, como foi o caso do Capitão Medeiros, presidente do Rio Branco entre os anos 1930 a 1934 (GOMES FILHO, 2002). Somente em 1934, depois de vencer a batalha contra os dirigentes do Victoria, o então Presidente do Clube, Carlos Marciano de Medeiros, o Capitão Carlito Medeiros, conseguiu que o Interventor Federal do Estado realizasse a doação da antiga área da Salinas ao Rio Branco, por meio do Decreto 4.969, publicado no Diário Oficial em 24 de Junho de 1934. A partir de então, foram iniciadas as obras para a construção, na época, do 3º maior estádio do Brasil, com



investimentos próprios. Os governos, Estadual e Municipal, tiveram papéis importantes na construção do estádio, sendo que o dinheiro empregado pelo clube não foi suficiente, e contou com ajuda estatal para realização daquela obra. Encontramos no Relatório do Prefeito de Vitória Álvaro Sarlo, de 1935, menção sobre a realização de terraplanagem no campo do Rio Branco. No Relatório do prefeito Laurentino Proença Filho (1936), encontramos dados sobre verbas destinadas a construção do campo e do Estádio Governador Bley. Ainda em 1936, no relatório da Diretoria de Água e Esgoto ao Prefeito, consta verba destinada para o gramado e construção do Estádio.

Ainda sobre o estádio Governador Bley, matérias publicadas na Revista Chanaan nº412 diz: “A magestosa frontaria do magnífico “Stadium Governador Bley”, a mais nova e, sem duvida, umas das mais bellas e maiores obras architetonica que ornam a nossa Capital”. Também menciona a homenagem prestada pelo clube ao então Interventor Punaro Bley e a moderna técnica na arquitetura empregada na construção do estádio.

E mais, uma matéria com o titulo: “Em Benefício da Coletividade, falando que a Companhia Central de Força Elétrica lançou, coincidindo admiravelmente com a inauguração da obra monumental que é o Stadium Governador Bley um esplendido Bonde... Foi um benefício em prol da collectividade capichaba e compatível com seu progresso actual”.

Considerações finais

Esta pesquisa teve por objetivo demonstrar em que medida o advento e a proliferação das práticas esportivas na cidade de Vitória implicaram na reestruturação do espaço geográfico da capital, redefinindo os usos do espaço urbano ou mesmo intervindo em sua forma por meio da introdução de novos objetos na paisagem. A análise das fontes catalogadas nos permitiu perceber como esse movimento tornou-se proeminente nos primeiros anos do século XX, inicialmente com a criação de dois clubes particulares: o Álvares Cabral e o Saldanha da Gama. Essas alterações na paisagem urbana se intensificaram ainda mais nas duas décadas seguintes, com o surgimento dos clubes de futebol (como o Victoria Futebol Clube, o Rio Branco Futebol Clube, o Santo Antônio Futebol Clube), de novos clubes de remo (Náutico Brasil e Piratininga, por exemplo), de um clube de tênis (Parque Tênis Club), e outros clubes diversos de menor expressão. A presença desses clubes em solo capixaba, por consequência, demandou a construção de amplos espaços para a realização de suas práticas esportivas, tais as quadras de tênis e basquete, os campos de várzea, as quadras e os estádios de futebol, como o “Estádio de Zinco” e o famoso “Governador Bley”, ambos situados no bairro de Jucutuquara.

A existência desses monumentos esportivos, por sua vez, foi acompanhada de outros investimentos em setores igualmente importantes para a remodelização de Vitória, sua modernização. Por exemplo, podemos mencionar a abertura de estradas que levavam aos locais de jogos ou, então, criação e/ou deslocamentos de linhas de bonde com a finalidade de levar o grande público às competições. Fenômeno semelhante observou-se no Rio de Janeiro,³ corroborando a tese de que os esportes são capazes de produzir, nas cidades, substanciais alterações geográfico-espaciais. Não podemos nos esquecer que também é dos anos iniciais do século XX a abertura de ruas e estradas com o intuito de facilitar o acesso da população aos banhos de mar, com grande destaque para a chamada Praia Comprida.

³ Consultar Melo (2001).



Conseguimos reunir várias fontes que evidenciam a relação entre esporte e paisagem urbana, no sentido de identificar como a prática esportiva determina mudanças no ambiente citadino. Nestas pesquisas, os estádios são concebidos como construções dotadas de significativa centralidade no imaginário popular e são capazes de cumprir papel relevante na reprodução social urbana da cidade (MASCARENHAS, 1998, 1999b). Um belo exemplo é o estádio Mário Filho, o Maracanã, inaugurado no Rio de Janeiro em 1950, cuja decisão locacional privilegiou a acessibilidade (a ferrovia e o corredor viário que a margeia), além de situar-se, à época, em ponto relativamente equidistante entre as zonas norte e sul da cidade. O futebol pode, assim, ser visto como atividade que gera fixos de grande conectividade na malha territorial. Nossa expectativa, ao desenvolver este subprojeto, é identificar como esse processo, em suas múltiplas facetas, ocorreu em Vitória, no exemplo do Governador Bley.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. H. **O Centro de Vitória**. Monografia – Prós-Graduação, Curso de Arquitetura e Urbanismo. Vitória: UFES, 1986.
- BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elemento da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, R. ROSENDAHL, Z (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CAMPOS JUNIOR, C. T. **O Novo Arrabalde**. Vitória. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo-PMV, 1996.
- DERENZI, L. S. **Biografia de uma ilha**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965.
- EM BENEFÍCIO DA COLETIVIDADE. **Revista Chanaan**, Vitória, n. 412, 30 jun. 1936.
- GOMES FILHO, O. **Rio Branco Atlético Clube: história e conquistas**. Vitória: Oficinas da Imprensa Oficial do Estado do Espírito Santo, 2002.
- KUNSCH, F.; SALUSTIANO, S. **Clube de Regatas Saldanha da Gama: Lutas e Glórias, 105 anos de Vitória**. Vitória: Gráfica GSA, 2007.
- LIMA JÚNIOR, C. B.; SOARES, S. C.; BONICENHA, W. **Baía de Vitória: aspectos históricos e culturais – Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, Universidade Federal do Espírito Santo, 1994.**
- LUCENA, R. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- MALHANO, C. S. E. M. B.; MALHANO, H. B. **São Januário: arquitetura e história**. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2002.
- MASCARENHAS, G. M. **Fútbol y modernidad en Brasil: la geografía historicas de una novedad. Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 10, 1998.
- _____. **A Geografia dos Esportes: uma introdução. Scripta Nova**, Barcelona, v. 3, n. 35, 1999a.
- _____. **Do Espaço Colonial ao Esporte da Modernidade: os esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. Script Nova**, Barcelona, n. 45 (7), 1999b.
- MATOS, M. C. **O contexto da produção de um objeto geográfico na cidade do Rio de Janeiro e sua centralidade: o estádio de São Januário**. Monografia submetida ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2004.
- MELO, V. A. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- _____. **História comparada do esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 2007.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

NEGREIRO, P. J. L. O estádio do Pacaembu. In: COLETÂNEA DO V ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. Ijuí: UNIJUÍ, p. 31-44, 1997.

PIRES, M. C. F. Histórias e Imagens da Modernidade Capixaba: Vitória no começo do século XX. **Revista de História** [14] João Pessoa, jan./ jun. 2006.

SEVCENKO, N. **A capital irradiante**: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das letras, 1999. p. 513-619.

_____. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

STADIUM. **Revista chanaan**, Vitória, n. 412, 30 jun. 1936.

VASCONCELLOS, J. G. et. al. **Vitória**: trajetória de uma cidade. Vitória: IHGES, 1993.